

“E DAQUI É QUE EU DEVO SER APRESENTADO À HUMANIDADE”: O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO MUSEU BISPO DO ROSARIO

Diana Kolker

Eu vou estancar e apresentar o resplendor a fim da representação do mundo. E quem deve me apresentar são os interessados aqui da Colônia...

(Arthur Bispo do Rosario, 1982).

Em tom profético, Arthur Bispo do Rosario anunciou ao fotógrafo e psicanalista Hugo Denizart que da Colônia sua obra deveria ser apresentada à humanidade. Partindo desta anunciação, o presente texto se tece. Nos parágrafos que seguem, apresento brevemente, algumas pistas sobre as trilhas que engendram a construção do projeto político pedagógico efetuado pelo Museu Bispo do Rosario. Não almejamos mapear todas as estradas, vielas, florestas e encruzilhadas desta história, mas experimentar um percurso, alertando a quem lê que aqui você não vai ver tudo, que existe muito por contar e recontar. Fiar e desfiar. Espero que nessas linhas possamos construir um texto-têxtil, que também possa ser refeito, mas não desfeito.

Colônia Juliano Moreira, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Inaugurada em 1924, com o nome Colônia de Psicopatas Homens de Jacarepaguá, assumiu, em 1935, o nome de um de seus principais idealizadores, o médico Juliano Moreira¹. Ocupando uma área de aproximadamente 7.800.000 m², na região que sediou o Engenho Novo da Taquara – “e cuja área tinha o total de 150 alqueires de terras, inclusive matas, vargens, rios,

¹Juliano Moreira nasceu em 6 de janeiro de 1872, em Salvador (BA). Médico fundador da psiquiatria e psicanálise no Brasil, Moreira foi diretor do Hospício Nacional de Alienados por mais de 20 anos e esteve à frente das políticas públicas de assistência à saúde mental. Foi um grande reformador do hospício. Apesar de seguir orientação higienista, combateu através da ciência as teorias de degeneração racial que, forjadas em modelos explicativos assentados na ciência positivista, relacionaram doenças mentais, deficiências intelectuais e inadequação moral às pessoas não brancas e ao clima tropical.

cachoeira, represa e benfeitorias”² – estava inserida numa região nomeada, em 1936, pelo escritor Magalhães Corrêa como Sertão Carioca. Sua fundação foi diretamente motivada pelo fechamento da Colônia de Alienados da Ilha do Governador, que enfrentava grave situação sanitária e superlotação.³ Segundo o conceito das colônias agrícolas europeias, o modelo de assistência fundamentava-se no isolamento dos centros urbanos, na praxiterapia⁴ e na assistência heterofamiliar⁵, sob o lema “*Práxis Omnia Vincit*” (O trabalho tudo vence).

A estrutura do antigo engenho foi aproveitada e ampliada. A diretoria, a administração, a secretaria e as residências do administrador e do farmacêutico instalaram-se na antiga casa grande. Foram construídos 15 pavilhões e um refeitório destinado aos pacientes. As linhas de continuidade entre o projeto colonizatório e a história da Colônia Juliano Moreira são explícitas na fusão entre a estrutura do engenho e do manicômio. Porém, esse emaranhado é muito mais extenso. No final do século XIX e primeiras décadas do século XX, o Brasil inaugurou uma grande quantidade de hospícios e colônias sanitárias.⁶ Tais instituições são parte de um movimento mais amplo de ordem política, econômica, jurídica, urbana e social, instituídas na virada do Império para República, logo após a abolição do regime escravocrata - que perdurou por mais de três séculos - e foram dispositivos estratégicos na efetivação de um projeto de país, sua inserção no capitalismo mundial e na garantia de continuidade das estruturas hegemônicas instaladas pela colonialidade. As concepções de sanidade eram orientadas por práticas higienistas⁷. Ainda que em sua gênese, a implantação da Colônia, na fundamentação de médicos como Juliano Moreira, estivesse vinculada a um propósito de mitigação de maus tratos na assistência e atenuação dos males provocados pela vida

²<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/text/prbsmu.php>

³VENANCIO, Ana Teresa A. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, dez. 2011.a

⁴Modelo terapêutico que consiste no trabalho como forma de tratamento dos pacientes psiquiátricos. Na CJM, envolvia a lavoura, pecuária e pequenas indústrias, destacando as de artefatos de vime e colchões. (ARAÚJO, 2016).

⁵A instituição concedeu casas para alguns de seus funcionários a pretexto de proporcionar aos pacientes o convívio familiar.

⁶No período após a inauguração do Hospital Pedro II (Hospital Nacional de Alienados, também conhecido como Hospício da Praia Vermelha) diversas instituições psiquiátricas foram fundadas no país: em 1874, foi inaugurado o Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre (RS) e o Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, em Salvador (BA). Em 1883, foi criado o Hospital Psiquiátrico Ulysses Pernambucano, em Recife (PE), também conhecido como Hospital da Tamarineira. Em 1890, as colônias de São Bento e Conde de Mesquita foram instaladas na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Em 1898, foi fundada a Colônia de Juquery, na cidade de Franco da Rocha (SP); em 1903, o Hospital Colônia de Barbacena (MG). Em 1911, foi fundada a Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, denominada, na década de 1940, Centro Psiquiátrico Nacional, posteriormente, Centro Psiquiátrico Pedro II, no local que desde 2000 funciona o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira. Em 1921, foi criado o Manicômio Judiciário (RJ), destino de doentes mentais que cometiam delitos.

⁷Influenciado por um conjunto de ideias de caráter eugenético, em 1923, o psiquiatra Gustavo Riedel fundou a Liga Brasileira de Higiene Mental, no Rio de Janeiro, integrada por médicos, políticos, funcionários públicos, representantes do comércio e da indústria, além do então presidente da República, Arthur Bernardes e do fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo, Renato Kehl. Participou ainda da liga o médico Juliano Moreira, que foi presidente de honra da instituição, apesar de combater publicamente as teorias de degeneração racial.

urbana, elas serviram ao projeto eugenista. A psiquiatria brasileira nasceu nesse contexto, intervindo sobre as existências consideradas desviantes do modelo eurocêntrico de racionalidade, espiritualidade, corporeidade e moral - o que o pesquisador Emiliano David (2022), relacionando aos estudos de Bárbara dos Santos Gomes (2019) Franz Fanon e Achille Mbembe, referiu em sua tese de doutorado como *manicolonialidade*:

Essas relações *manicoloniais* são produtoras de lógicas de separação, exclusão e morte orientadas em pseudociências, na raça e na psicopatologização; assim foi proposto o darwinismo social, a eugenia, a política de branqueamento, as teorias médico-legais sobre hereditariedade, o proibicionismo e a criminalização das drogas, o encarceramento em massa, dentre outras. Sendo assim, notamos que em diferentes tempos históricos esses mecanismos sempre estão calcados na colonialidade manicomial do racismo.⁸

A Colônia Juliano Moreira (CJM) era conhecida como Fim de Linha, recebendo os encaminhamentos do Hospício Nacional de Alienados⁹, que passou a funcionar como porta de entrada do sistema assistencial. Não por acaso, foi lugar de isolamento e violações contra milhares de pessoas, sobretudo pessoas racializadas, mas também pessoas com deficiência, mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade ou em desacordo com os comportamentos sociais impostos, pessoas cuja sexualidade e expressão de gênero diferiam da normatividade, bem como pessoas que defendiam ideais políticos contrastantes com o projeto hegemônico, como podemos observar no discurso de seu primeiro diretor, o médico Rodrigues Caldas¹⁰:

Foi, pois, jubiloso e esperançado que compareci à esta festividade, à fim de saudar ao Sr Ministro da Justiça (Alfredo Pinto), que vem remodelando à Assistência à Alienados, pela fundação dessas Colônias (...) e pela provável promulgação de uma nova legislação na qual serão resolvidos delicados problemas atuais de higiene e defesa social pertinentes aos deveres do Estado para com os tarados e desvalidos de fortuna, do espírito ou do caráter, para com os ebrios, loucos e menores retardados, ou delinquentes e abandonados, assim como para os indesejáveis inimigos da ordem e do bem público, alucinados pelo delírio vermelho e fanático das sanguinárias e perigosíssimas doutrinas anarquistas ou comunistas, do maximalismo ou bolchevismo. (HIDALGO, p.24.2011)

Arthur Bispo do Rosario foi internado na Colônia Juliano Moreira em janeiro de 1939, em um novo momento da política assistencial implementada pelo Estado Novo.

⁸DAVID, Emiliano Camargo. Saúde Mental e Racismo: saberes e saber fazer desnorteado na para a Reforma Psiquiátrica brasileira antimanicomial/ Emiliano Carmargo David. São Paulo, 2022. 207p.

⁹O Hospital Nacional de Alienados, originalmente Hospício Pedro II, foi a primeira instituição do tipo no Brasil, criada por decreto em 1841, junto à coroação do Imperador e inaugurado com sua presença, em 1852.

¹⁰João Augusto Rodrigues Caldas, médico alienista, em 1909, tomou posse como diretor das colônias Conde de Mesquita e São Bento, na Ilha do Governador e foi o primeiro diretor da Colônia de Psicopatas Homens de Jacarepaguá.

Nessa época, novas unidades haviam sido criadas, inclusive um pavilhão destinado àqueles que cometem delitos, e um maior contingente de internos foi absorvido. Além dos quartos fortes – pequenas e insalubres celas de isolamento – a ciência produziu novos mecanismos de contenção que se somaram a estes: os psicofármacos, os eletrochoques, além de psicocirurgias, mais conhecidas como lobotomias, defendidos como modernização da assistência.

Ao ser interrogado sobre sua história, Bispo dizia que um dia simplesmente apareceu. Em uma de suas “fichas de doente” informam seu nome, idade, nacionalidade, classe, data de entrada, estado civil e diagnóstico do hospital. Em notas manuscritas constam apenas as informações referentes às intermitências de entradas e reingressos na instituição. Os campos correspondentes à filiação, cor, profissão, saída, diagnóstico da Colônia, encontram-se vazios. Em sua foto anexada podemos ver que já trajava camisa por ele bordada com as folhagens ornamentais que aparecem em muitas de suas obras. O que os vazios de informações nos contam sobre o modelo de assistência?

Hoje sabe-se que Bispo nasceu em Japaratuba (Sergipe), em 1909. Em 2015, uma parte da equipe do Museu Bispo do Rosario viajou à sua cidade natal, durante os festejos de Reis e puderam testemunhar “que sua obra está intimamente conectada com esse universo da cultura negra nordestina”. (2016, p.22).¹¹ Ainda adolescente, Bispo mudou-se para o Rio de Janeiro, ingressando na Marinha em 1925, onde permaneceu até ser exonerado, em 1933. Conciliou uma carreira no boxe, alcançando notoriedade e figurando nos jornais, interrompida por um acidente de trabalho.¹² No dia 22 de dezembro de 1938, Bispo teve uma visão em que sete anjos anunciaram sua missão. Deixou a casa da família onde então trabalhava e residia, no bairro de Botafogo, com destino à Candelária. Por fim, dirigiu-se ao Mosteiro de São Bento para se apresentar aos frades como aquele que veio julgar os vivos e os mortos. Levou dois dias para chegar a esse destino. Na véspera do Natal, portanto, o jovem homem revelou ser Jesus. A polícia foi acionada e Bispo conduzido para o Hospital Nacional de Alienados que, em menos de um mês o transferiu para Colônia Juliano Moreira com um diagnóstico psiquiátrico. Fim de Linha.

No manicômio, Bispo contou a história do mundo a partir dos objetos que coletou, ganhou, trocou, produziu e organizou a partir de uma política e uma economia de trocas que estabeleceu com funcionários e outros internos. Mais de mil peças guardadas em um conjunto de celas que foi progressivamente ocupando através de seu próprio sistema organizativo. Vitrines, estandartes, vestimentas, faixas de miss, fichários com listas de nomes e matérias de jornais, Objetos Revestidos com Fio Azul e muitas embarcações, compõem um arquivo de coisas e palavras inventadas pela (e para)

¹¹(2016, p.22).

¹²CORPAS, Flavia dos Santos. Arthur Bispo do Rosario: Do claustro infinito à instalação de um nome. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia, 2014.

humanidade e a ela novamente apresentadas. As vozes que o acompanhavam lhe exigiram que reunisse todos os objetos existentes para uso da humanidade para representar a existência na Terra e apresentar a Deus no Juízo Final. A memória do mundo, através de seu testemunho. “Miniaturas que permitem a minha transformação, isso tudo é material existente na terra dos homens. Minha missão é essa, conseguir isso que eu tenho, para no dia próximo eu representar a existência na Terra. É o significado da minha vida.”

No Fim da Linha, Bispo desfez os uniformes manicomiais para com essas mesmas linhas bordar (para) o fim do mundo. Em conversa com Hugo Denizart (1982), no filme *O Prisioneiro da Passagem - Arthur Bispo do Rosario*, Bispo anunciou: “Eu vou arrasar o mundo de fogo, o mundo, segundo já, isso é determinado, ele vai suspender a Terra com a altura de dois metros e tremores de Terra, arrasar o mundo, sabe?” Na mesma conversa afirmou que seria dali, do manicômio, que ele cumpriria sua missão. Seu endereçamento ao fim do mundo, me remete à obra “A dívida impagável”, escrita por Denise Ferreira da Silva, que nos indica que a impossibilidade de justiça sobre todas as atrocidades cometidas “requer nada mais nada menos do que o fim do mundo no qual a violência racial faz sentido.” (2019, p.19).¹³ Contudo, seu inventário era também o caminho para a materialização de um mundo por vir, por ele imaginado, onde não existiria mais miséria, nem sofrimento, nem hospitais psiquiátricos:

Os hospitais psiquiátricos vão acabar. No meu tempo não existia médico-psiquiatra. Só existia médico e advogado. Mas depois inventaram médico psiquiatra, o médico não sei o quê e tal. E não haverá mais doenças. Nem miséria. Tristeza também não. À minha estadia aqui na Terra, junto com o meu povo, será à vida. A vida para todos os tempos e glória.

Voltando nosso olhar à Colônia do presente, percebemos que ainda sofre efeitos da sua história, tão recente. A região permanece estigmatizada e periferizada em relação à cidade. Porém, apesar das muitas linhas de continuidade, a Colônia do século XXI não é a mesma que Arthur Bispo do Rosario conheceu. Tais transformações estão intimamente vinculadas à sua história. Sua aparição junto à sua obra para além dos muros institucionais¹⁴ produziu impactos cujas ondas se propagaram no presente, no passado e seguem mobilizando forças e transformando futuros. Nas décadas de 1970 e 1980, a Luta Antimanicomial ganhou densidade no país. Impulsionada pela Constituição de 1988, pela criação do SUS, em 1990, a luta pela criação de novos modelos de tratamento em liberdade construiu as bases para a Reforma Psiquiátrica, que

¹³FERREIRA DA SILVA, Denise - A Dívida Impagável, São Paulo: 2019.

¹⁴Em 18 de maio de 1980, uma reportagem realizada por Samuel Wainer Filho e o cinegrafista Johnson Gouveia, foi exibida no programa Fantástico, da Rede Globo. O jornalista entrevistou internos e um ex-funcionário, psiquiatra, que denunciaram o uso de medidas punitivas, como o isolamento em quartos fortes, a impregnação por dose elevada de medicamentos neurolépticos, o uso de eletrochoques como instrumentos de tortura. Durante a reportagem, Bispo do Rosario foi apresentado junto à sua obra, atraindo à atenção de pessoas do campo da arte, como Frederico Morais, Hugo Denizart, Walter Firmo.

culminou no sancionamento da Lei 10.12613, em 2001.

Em 1996, a Colônia foi municipalizada e passou a se chamar Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Iniciou-se um processo de desinstitucionalização, os núcleos de internação foram progressivamente desativados até transformar definitivamente a natureza de suas atividades, em 2022, com o fechamento do Núcleo Franco da Rocha.

Atualmente a área é um sub bairro de Jacarepaguá, habitada por famílias de antigos trabalhadores da instituição, ex-internos, além de pessoas oriundas de diferentes comunidades que passaram a viver no território, em razão das novas ondas de reformas urbanas, realizadas na primeira década do século XXI, com destaque para o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), implementado pelo governo federal, incluindo a região da Colônia. O bairro passou a contar com muitas unidades de serviços públicos de saúde, como Centros de Atenção Psicossocial, Clínica da Família, Serviço de Residências Terapêuticas, além do campus Mata Atlântica da FIOCRUZ e está inserida na Área de Proteção Ambiental do Maciço da Pedra Branca, do Morro Dois Irmãos e pela Área de Proteção Histórica do Núcleo Histórico Rodrigues Caldas.

No contexto de reabertura política após o período de ditadura civil-militar no país, o movimento de desinstitucionalização reclamou a urgência de reaver a cidadania e o direito à vida em sociedade. As ações culturais tornaram-se estratégicas para transformar o imaginário social sobre a loucura. Podemos relacionar esse movimento à criação de museus para abrigar as coleções de artes produzidas nas instituições psiquiátricas, influenciados pela precursora Nise da Silveira¹⁵, que combateu os métodos hegemônicos de tratamento e criou no Centro Psiquiátrico Pedro II, em 1946, junto com o artista Almir Mavignier, um atelier de pintura e modelagem como prática de cuidado, na Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR), dando origem ao Museu de Imagens do Inconsciente, inaugurado em 1952. Em 1985, foi fundado o Museu de Arte Osório César, no Juquery, o Museu da Loucura, no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (MG) foi fundado em 1996 e, finalmente, o Museu Nise da Silveira, foi criado em 1982, na CJM. Nas palavras de João Henrique Queiroz:

Verifica-se, assim, que, apesar das diferenças, os projetos destes museus convergem com uma ideia geral da Reforma Psiquiátrica, que implica em uma ruptura com o espaço tradicional das práticas e dos saberes psis. Essa aproximação reforça a ideia de que este movimento político circunscreve a

¹⁵Nascida em Maceió (Alagoas), em 1905. Filha única de um casal branco e de classe média, Faustino Magalhães da Silveira, professor e jornalista e a pianista Maria Lydia. Admitida aos 16 anos na faculdade de medicina, única mulher de sua turma. Aprovada em concurso para o Hospital Psiquiátrico da Praia Vermelha, em 1933. Em 1936, foi presa pela ditadura Vargas. Com a redemocratização, assumiu seu posto no Centro Psiquiátrico Nacional, onde combateu o modelo de tratamento vigente e assumiu a coordenação da Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação. Em 1946, criou com o artista Almir Mavignier o atelier de pintura e modelagem, que culminou na criação do Museu de Imagem do Inconsciente, em 1952.

leitura do momento histórico sobre o qual estamos nos debruçando. Por essa razão, acredita-se que refletir sobre a história do mBRAC sob a luz da Reforma Psiquiátrica ajuda não só à demarcar o seu contexto de criação, como pode também ajudar a compreender as funções que adquiriu ao longo desse processo (2016, p.65).

O Museu Nise da Silveira tinha o objetivo de guardar o acervo produzido nas oficinas artísticas realizadas na Colônia entre 1950 e 1970. Após o falecimento de Bispo, em 1989, suas obras foram incorporadas ao Museu, que assumiu seu nome no ano 2000. A incorporação desse acervo impôs grandes mudanças referentes à sua gestão, missão e direcionamento, oferecendo novos desafios, sobretudo no que concerne à conservação e difusão. Em 1996 as obras de Arthur Bispo do Rosario foram tombadas pelo INEPAC e, em 2018, foi reconhecida como patrimônio pelo IPHAN. Novamente, nas palavras de João Henrique Queiroz de Araujo:

Com a morte e a consequente ascensão do artista Arthur Bispo do Rosário, o Museu Nise da Silveira, que até então não havia incorporado uma função delimitada na CJM, adquiriu uma missão: guardar e divulgar ao mundo a vida e a arte do homem que resistiu ao enclausuramento, à violência psiquiátrica e ao processo de aniquilação da personalidade comum às pessoas submetidas à rigidez e à padronização características do manicômio. Na fronteira das práticas e saberes psíquicos encontradas no museu, o que se pode dizer é que a imagem de Bispo substituiu à de Nise da Silveira no imaginário daqueles que queriam transformar a instituição psiquiátrica e sua obra se destacou em relação ao antigo acervo. Além disso, em meio ao processo da Reforma Psiquiátrica, o discurso desenvolvido em torno da obra de Bispo se tornou bastante apropriado na medida em que apontava que à almejada mudança poderia ser alcançada pela via da arte, da valorização da capacidade produtiva e do resgate da liberdade e identidade dos internos. Em síntese, por suas peculiaridades, a biografia e a obra de Arthur Bispo do Rosário se tornaram o grande símbolo de que a desconstrução da estrutura manicomial e dos efeitos nocivos desta instituição era possível (2016, p.85 e 87).

Tais questões concernem diretamente ao projeto político pedagógico e curatorial do Museu, que excedem, portanto, a uma lógica setorial e a execução de um programa de exposições e das ações educativas consequentes. Envolve as políticas de produção e difusão de narrativas, visualidades, discursividades, métodos e práticas que se fazem na interface com a sociedade, articuladas aos regimes de guarda, conservação, exibição e difusão. Museus são dispositivos pedagógicos que articulam saber e poder, através de um conjunto de princípios e metodologias, que atuam como engrenagens no funcionamento da maquinaria social de um determinado tempo-espacó. Tais instituições podem operar a favor da transmissão das narrativas hegemônicas e da reprodução de seus modos de organização, quando visam garantir sua conservação. Entretanto, também podem operar através da invenção de novas práxis e institucionalidades, se desejam atuar pelo fim desses modelos sendo agentes na produção de novas subjetividades. Nesse sentido, Raquel Fernandez, diretora da instituição entre 2013 e 2023, anunciou:

De certa forma, o Museu se apropria do discurso de Bispo e, também de dentro do manicômio, apresenta à sua obra; não para enaltecer à instituição asilar, mas, para através da arte de Bispo,encionar os modos como a sociedade se organiza - com padrões rígidos de normatização pautados pela pulsão ao consumo - e que exclui aqueles que fogem às suas regras. (FERNANDES, 2016)

O projeto político pedagógico desenvolvido no Museu Bispo do Rosario orienta sua navegação pelos sinais do marinheiro: “é daqui que eu devo ser apresentado à humanidade”. Nossos objetivos e direcionamentos engendram-se desde o território da Colônia e se ampliam para além dele. Desde 2013, a instituição desenvolve o conceito de *Museu Expandido*, por suas ações extrapolarem a reservas e galerias, através de programas fortemente marcados pelo território e pelo interesse em fortalecer os vínculos com os usuários e profissionais do serviço de saúde mental, a rede de ensino e os moradores da região. Sua virada comunitária se alinha com as políticas do Sistema Único de Saúde para a construção de estratégias e tecnologias de cuidado em liberdade de base comunitária e territorial. Dessa forma, o museu atua – conforme formulou o professor Paulo Amarante (2012) na dimensão sociocultural da Reforma Psiquiátrica, dispositivo fundamental para desconstruir estigmas em torno das noções de loucura e modelos de tratamento. Todavia, conforme sublinhou Raquel Gouveia Passos:

Problematizar o manicômio e suas expressões abordando as relações de raça, gênero e classe é ultrapassar os próprios muros que compõem a formação social brasileira e, trazer a público um debate que ficou apagado ao longo da construção, implementação e efetivação da Reforma Psiquiátrica brasileira (PASSOS, 2018).

Nesse sentido, o projeto político pedagógico realizado pelo Museu Bispo do Rosario, busca atuar enquanto parte de um movimento *antimanicolonial* através da arte, da cultura, da educação, da memória, da agroecologia, da economia solidária e da convivência, além de se consolidar como polo experimental de novas tecnologias de cuidado. Para tanto, comprehende-se como fundamental desenvolver uma abordagem crítica e interseccional sobre a história desse território, orientada por perspectivas contra coloniais, antirracistas e anticapacitistas.

Transformar esse território com respeito às suas memórias é trabalho sem fim e não isento de sofrimento, nem protegido de violências e contradições. Mas inspirados em Bispo, em seu ato de desfazer os uniformes e com essas linhas recriar o mundo, buscamos produzir novas tessituras. No local onde funcionou o Núcleo Ulisses Viana, hoje funciona o Memorial de Arte e Resistência, que abriga uma horta agroecológica comunitária, o projeto Fios do Rosario, que integram o programa Arte, Horta & Cia, realizado pelo Museu e futuramente abrigará uma Casa da Educação Popular. O Centro de Cultura e Convivência Pedra Branca foi transferido para o local onde funcionou o

Núcleo Franco da Rocha, agora Espaço Maria Rosenda. Mais do que dar novos usos aos espaços, acreditamos na importância de uma política de memória, envolvendo a comunidade como protagonista e agente na produção dessas histórias.

As ações do projeto pedagógico são inspiradas pela obra de Arthur Bispo do Rosario - seus procedimentos, materialidades e narrativas. Tem como seus principais objetivos ampliar o acesso público à arte e ao acervo histórico e arquivístico da instituição, questionando e tensionando as categorizações da arte ocidental moderna e contemporânea tais como arte bruta, incomum, marginal, outsider, popular ou naif ; colaborar com a produção e difusão da memória através da contextualização crítica do território da Colônia, envolvendo a comunidade e os atores locais na construção dessas narrativas; fortalecer o vínculo, a autoestima e o sentido de comunidade; romper os estigmas relacionados às noções de loucura e sofrimento psíquico em consonância com a Luta Antimanicomial e a Reforma Psiquiátrica; promover saúde e integração psicossocial através de programas de formação, práticas pedagógicas e artísticas; realizar projetos e ações educativas transdisciplinares direcionadas a rede de ensino, que atuem como instrumentos pedagógicos integrados aos planos curriculares das múltiplas áreas; desenvolver através da arte e da vivência no território conceitos relacionados à preservação e cuidado do meio ambiente, compreendendo a inter-relação entre a saúde individual, coletiva e ambiental; atuar como espaço de formação e pesquisa para profissionais do campo da saúde, arte, educação e cultura possibilitando a construção de novas práticas e metodologias nos referidos campos; criar práticas que contem com a experiência artística como instrumento de mediação entre pessoas, afetos, espaços, histórias e saberes.

Dentre os programas desenvolvidos no projeto pedagógico do Museu, destaca-se o Ateliê Gaia, que desde 2004 está localizado no prédio sede compartilhado pelo Museu e o IMASJM.¹⁶ Suas origens remontam às primeiras oficinas de arte ministradas por Gilmar Ferreira, Leonardo Lobão e Patricia Ruth, artistas e usuários dos serviços de saúde mental na Colônia Juliano Moreira, iniciadas em 1996. No ano 2003, foi fundado o Ateliê Ocupacional Terapêutico Gaia, contando com esses artistas e novos integrantes. Em 2013, o programa assumiu sua vocação como um espaço de produção artística vinculado ao Museu Bispo do Rosario/IMAS Juliano Moreira e distanciou-se de uma abordagem terapêutica. O projeto educativo e artístico constituído junto ao Gaia tem como objetivos oferecer um espaço favorável à criação, à prática experimental, à colaboração com artistas de outros contextos, à formação continuada, à inserção no circuito da arte, ao cuidado de si e à construção de um sentido de grupalidade, estimulando a autonomia, a cidadania e a participação coletiva na condução do projeto.

¹⁶Atualmente integrado por André Bastos (in memorian) Arlindo Oliveira (in memorian), Bia Lemos, Camis Soares, Clovis Aparecido dos Santos, Felipe Ranieri, Leonardo Lobão, Luiz Carlos Marques, Gilmar Ferreira, Patrícia Ruth, Pedro Mota e Rogéria Barbosa e Victor Alexandre Rodrigues.

Não é mais um ateliê terapêutico, como era em sua origem, mas não deixa de ser um espaço de cuidado e parceria com os serviços de saúde mental. Diz respeito à ampliação das possibilidades de atuação e agenciamentos no mundo, rompendo estigmas e afirmindo suas vidas.

Em junho de 2025, o Museu Bispo do Rosario na gestão de Alexandre Teixeira Trino e curadoria geral de Carolina Rodrigues, incorporou ao seu acervo a obra de Arlindo Oliveira, integrante do Ateliê Gaia, falecido em novembro de 2024. Arlindo Oliveira foi internado na CJM aos 16 anos, em 1967 e encaminhado para o pavilhão de menores Adib Jabour. Com a maioridade, foi transferido para o Núcleo Ulisses Viana, onde conviveu com Arthur Bispo do Rosario. No mesmo pavilhão em que ninguém possuía permissão para guardar qualquer objeto pessoal, viu Bispo acumular suas obras e materiais. Depois, testemunhou seu reconhecimento como artista, assistiu suas peças virarem patrimônio nacional, viajarem pelo mundo, atraindo gente de tudo o que é lugar. Viu o Museu assumir o nome de seu contemporâneo. Arlindo também gostava de construir objetos com os materiais descartados que coletava no território, principalmente madeira, eletrônicos, objetos utilitários e brinquedos e construiu nesse mesmo território uma trajetória singular. Com a reforma psiquiátrica, conquistou a liberdade, mas não deixou de residir na Colônia. Sua habilidade artística foi notada depois de 25 anos de invisibilidade no hospício, aos 40 anos, quando foi encaminhado para as oficinas artísticas do Museu Bispo do Rosario e, posteriormente, passou a integrar o Ateliê Gaia. Arlindo¹⁷ experimentou diversas linguagens, suportes, técnicas e materiais e participou de muitas exposições e projetos artísticos, recebendo reconhecimento em vida. Além de sua vasta produção de objetos, instalações e pinturas, realizou performances relacionadas a sua memória como ex -interno na Colônia Juliano Moreira, a Tresformance. Desde 2022, passou a apresentar seu “Bolero com Alcione” em que dançava com uma boneca criada com auxílio de oficineiros que atuavam no Museu.

A arte foi o caminho para a construção de um novo lugar social. No campo simbólico, Arlindo também desfez o uniforme para com os mesmos fios se refazer.

¹⁷No Museu Bispo do Rosario participou como co-curador e artista na exposição 'Arte Ponto Vital' (2021), além de contribuir como artista nas coletivas 100 anos da Colônia Juliano Moreira: Arquivos, Territórios e Imaginários (2024); Um muro no fundo da minha casa (2024); 'Pequenas Cosmogonias: Como brotar mundos?' (2023), 'Utopias: A Vida para Todos os Tempos e Glória' (2019), 'Quilombo do Rosario' (2018), 'Sobrevivências: Sobre Vivências' (2017), Das Virgens em Cardumes e da Cor das Auras (2017), Sem Fronteiras (2013), Play (2014), entre outras. No Itaú Cultural (SP) integrou a exposição Bispo do Rosario: Eu vim - Aparição, Impregnação e Impacto', realizada em 2022. No Museu de Arte do Rio participou das exposições Coleção MAR + Enciclopédia Negra (2022), Casa Carioca (2020), Lugares do Delírio (2017), que foi também apresentada no SESC Pompeia (SP, 2018); Na Casa França Brasil (RJ, 2019) participou da instalação Torre de Babel, concebida por Otavio Avancini. No Museu do Pontal participou da mostra Prosperidade, Felicidade em Tudo (RJ, 2022). Algumas de suas obras fazem parte de coleções particulares e dos acervos do Museu Bispo do Rosario (RJ), do Museu de Arte do Rio (RJ) e do Museu AfroBrasil Emanoel Araujo (SP), consolidando sua importância no contexto da arte contemporânea.

A coordenação de educação e arte do Museu é ainda responsável pelo programa de visitas mediadas às exposições, ao Circuito Histórico, ao Memorial de Arte e Resistência e sua Horta, além de realizar projetos de média e longa duração voltados para a comunidade. Dessa forma, investe especialmente na construção de uma relação contínua através dos equipamentos de educação e saúde do território, construindo planos de ações articulados, relações de vínculo, escuta, afeto, colaboração e pertencimento, além de produzir redes de ações e circulações para além de seu próprio contexto, por meio da realização de parcerias com outras instituições de arte, universidades, escolas das redes pública e privada, com a rede de atenção psicossocial e de assistência social.

A noção de pedagogia em artes que desenvolvemos se vincula à pedagogia crítica de Paulo Freire, que aponta: “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 1979, p. 66). Trata-se de uma pedagogia cujas metodologias e práticas se fazem de forma cartográfica através de um estado de atenção, da percepção crítica dos sujeitos no mundo, das relações pessoas/ambientes, do diálogo, da participação e afetação recíproca. Ela é também histórica, por reconhecer os sujeitos em sua historicidade. Todavia, comprehende o sítio (lugar) como ponto de partida, perspectiva, porque tanto em sua geografia como em sua historicidade, os sujeitos não são, mas estão sendo, num constante tornar-se, mover-se e transformar-se transformando também o mundo através da própria percepção de sua situação e sua ação no sítio.

Ao propor uma nova forma de organização institucional, compreendendo os campos (curadoria, educação, saúde e arte) como práticas que convergem em zonas comuns, almejamos implicar todos os agentes envolvidos nas ações do Museu, sejam os trabalhadores de sua equipe, artistas residentes, o público, a comunidade local, num processo de criação, implicação e afetação multidirecional. Nesse sentido, os processos educacionais, curatoriais e artísticos coengendram-se, constituem-se mutuamente e o público se converte em participante ou, como costumamos chamar, conviventes.

Na direção contrária às concepções de sanidade que fundamentaram o modelo manicomial, orientadas por práticas higienistas e excludentes, pela retirada violenta dessas pessoas do convívio social e ambiental, numa lógica de desintegração, disciplina, vigilância, uniformização e eliminação das vidas, apostamos na integração *psicossocioambiental* e no fortalecimento do sentido de comunidade, conforme bell hooks: “A educação progressista, educação como prática de liberdade, prepara-nos para confrontar sentimentos de perda e para restaurar nosso senso de conexão. Ela nos ensina a criar uma comunidade” (BELL HOOKS, 2013).

Mobilizados pelo vínculo e pela escuta atenta, em 2022, o programa de Educação e Arte realizou o projeto *Eu Vim Contar Uma História* em parceria com a Escola Municipal Juliano Moreira, vizinha ao Museu. Fruto do desejo de fortalecer os laços entre escola e museu, o sentido de pertencimento e a autoestima da comunidade, o produto final foi a realização de um podcast, em que as crianças protagonizaram todas as etapas. O título do projeto refere-se diretamente à obra de Arthur Bispo do Rosario. “Eu vim”, bordou Bispo em um de seus fardões. Bispo instituiu o marco inicial de sua presença no mundo a partir daquela anunciação e construiu sua própria narrativa de si e do mundo, à despeito de todos os procedimentos de controle, seleção, organização e redistribuição da palavra na ordem do discurso - para falar nos termos do filósofo Michel Foucault (2009, p10). Esse projeto se inscreve num movimento de fissurar por dentro, os mecanismos institucionais que distribuem os lugares de legitimidade sobre a produção de memória a partir de certos marcadores epistemológicos e posições sociais.

Em 2024, no marco do centenário da Colônia Juliano Moreira, realizamos a segunda temporada do podcast. Dessa vez convidamos moradores, trabalhadores e pessoas que foram internadas, para compartilharem suas memórias sobre a Colônia. Construímos um método em que a escuta, a participação, o afeto e o cuidado foram condutores. Realizamos rodas de conversas em diferentes espaços do território, que mobilizaram grupos diversos. Através desse dispositivo pudemos nos desprender das narrativas institucionais para escutar a experiência daqueles que vivem no território. Acessamos uma Colônia bucólica, nostálgica, repleta de encantados, manifestações sobrenaturais e relações solidárias que coexistiram com o horror do manicômio. Um território repleto de contradições e ambivalências.

Referências

Amarante, P.; Freitas, F.; Nabuco, E. S.; Pande, M. R. (2012). **Da arteterapia nos serviços aos projetos culturais na cidade: a expansão dos projetos artístico-culturais da Saúde Mental no território.** In: Amarante, P.; Nocam, F. Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates. São Paulo: Zagodoni.

ARAÚJO, João Henrique Queiroz. **Entre preservar e reformar: práticas e saberes psis no museu da Colônia Juliano Moreira.** Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2016.

hooks, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança.** São Paulo: Elefante, 2021.

CORPAS, Flavia dos Santos. **Arthur Bispo do Rosario: Do claustro infinito à instalação de um nome.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de

Janeiro. Departamento de Psicologia, 2014.

DAVID, Emiliano Camargo. **Saúde Mental e Racismo: saberes e saber fazer desnorteado na para a Reforma Psiquiátrica brasileira antimanicomial**/ Emiliano Carmago David. São Paulo, 2022. 207p.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A Dívida Impagável**. São Paulo: 2019.

FERNANDES, 2016 In: CAMPOS, Marcelo (org). **Um canto dois sertões: Bispo do Rosario e os 90 anos da Colônia Juliano Moreira**. Rio de Janeiro: Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea; Azougue Editorial, 2016. 200p

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PASSOS, Rachel Gouveia. “**Holocausto ou Navio Negreiro?**”: inquietações para a **Reforma Psiquiátrica brasileira**. Argum, Vitória, v. 10, n. 3, p. 10-22, set./dez. 2018.

VENANCIO, Ana Teresa A. **Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, dez. 2011.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosario: O senhor do Labirinto**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2011.